

LINGUASAGEM

DIAS, Cristiane. Discurso, interdiscurso e memória na web. In: **ANÁLISE DO DISCURSO DIGITAL**. Coordenação de Maria Eduarda Giering e Roberto Leiser Baronas. 18 jun. 2021. 1 vídeo (1h55min48s). Curso *on-line*. [s.l]: Associação Brasileira de Linguística, 2021.

Nathália Villane RIPPEL¹

Cristiane Costa Dias, pesquisadora do Laboratório de Estudos Urbanos - Labeurb-Nudecri/Unicamp e professora do Mestrado em Divulgação Científica e Cultural (PPG-DCC - LABJOR/IEL), apresentou a sétima aula do curso “Análise de Discurso Digital”, ofertado pelos professores Maria Eduarda Giering e Roberto Leiser Baronas, por meio da plataforma digital do AbralineAD. Sob o título de “Discurso, Interdiscurso e memória na Web”, Cristiane Dias não busca uma nova análise de discurso, mas, sim, tomar o digital como um campo de questões.

Para iniciar sua contribuição ao curso, que propõe uma introdução aos pressupostos da Análise de Discurso Digital, Dias ressalta a importância do conceito de discurso para a compreensão do funcionamento do digital na sua natureza discursiva. A palestrante apresenta o digital enquanto objeto a partir do qual podemos interrogar o discurso, possibilitando um deslocamento do conceito de discurso, destacando a não cristalização da Análise de Discurso enquanto teoria e estando em constante interrogação.

Dias destaca ainda duas considerações acerca da virada da Análise de Discurso, sendo elas: a conjuntura teórica e a conjuntura histórica. Partindo dessa exposição, Dias debruça-se sobre a conjuntura histórica, mas especificadamente sobre as formas históricas de assujeitamento. Compreendendo que língua, história e sujeito se articulam, a professora afirma que assujeitamento diz respeito à natureza da subjetividade e por isso é preciso pensar as novas formas de subjetividade. Possibilitadas pela materialidade discursiva do digital, essas novas formas remetem ao nível de existência sócio-histórica,

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PUC-Rio). Contato pelo e-mail: nv_rippel@hotmail.com.

à interação do indivíduo em sujeito pela língua na história e sua entrada no simbólico, resultando na forma-sujeito de dados.

Sabendo que a tecnologia intervém no funcionamento espontâneo da forma-sujeito pelas suas propriedades discursivas, a professora compara os deslocamentos nos estudos de significação, a partir do conceito de discurso nos anos 60, com o conjunto intelectual e a sociopolítica atual e questiona “o que o conceito de discurso pode produzir hoje ligado ao digital e à forma-sujeito de dados?”.

Buscando responder a questão por ela mesma levantada, Dias retoma o conceito de interdiscurso, trabalhado por Pêcheux, para pensar as relações de metáforas no digital, ou seja, esse já-dito que vai se ressignificando e se reformulando no discurso. Para Pêcheux, o pré-construído e a articulação determinam o sujeito, impondo seu assujeitamento sob a aparência da autonomia, isto é, por meio da estrutura discursiva da forma-sujeito. O funcionamento do interdiscurso no digital se dá pelo pré-construído e pela articulação, ou seja, pela maneira que o sujeito se relaciona com essa realidade para articular o seu dizer.

A discursivista apresenta o capitalismo de dados e a perspectiva de transformação que ele ocasiona, gerando uma lógica empresarial que nos faz ver o outro sempre como concorrência. Essa transformação faz parte do modo como significamos e nos subjetivamos. A questão do assujeitamento em AD diz respeito à natureza da subjetividade e, por isso, Dias se interessa pela questão do assujeitamento, a qualificação do sujeito pela sua relação constitutiva com o simbólico.

Cristiane Dias define a forma-sujeito de dados como aquela que viria estremecer a estabilidade de um sujeito de direito. Por meio de dispositivos digitais, geramos dados – enquanto também nos transformamos em dados. Isso ocorre por meio do mapeamento dos nossos gostos, hábitos e consumos enquanto utilizamos os espaços do digital, como sites ou aplicativos para *smartphones*. Essa forma-sujeito de dados produz a unidade imaginária do sujeito e do sentido, sob a forma da universalidade e da autonomia. Há ainda os novos modos de subjetivação/identificação/assujeitamento do sujeito que derivam do sujeito de dados.

Os dados são determinantes para a forma-sujeito histórica desta conjuntura em que vivemos e podem ser facilmente observados em nosso dia a dia digital, como por exemplo, nas regras de grupos no *Facebook* e nos algoritmos. Embora os sites de redes

sociais, como o *Facebook*, transmitam uma sensação de autonomia, há limites, há regras de convivência, produção e consumo, que, quando descumpridas, geram punições para os usuários.

O poder dos algoritmos pode ser observado tanto na publicidade direcionada baseada na pesquisa na internet, por exemplo, como na gerência dos sites e aplicativos de redes sociais. O “Talvez você conheça”, mecanismo do *Facebook* que indica perfis de pessoas que você talvez estabeleça algum relacionamento fora daquela rede específica ou possui um grande número de contatos em comum, é uma das diversas formas do algoritmo fazer-se presente em nosso dia a dia.

A regulação algorítmica também regula os corpos. A título de exemplo, podemos citar a oferta de desconto nos impostos que o governo britânico ofereceu para quem se mantivesse em um padrão ideal de saúde (parar de fumar, emagrecer *etc.*). Os interessados eram monitorados por aplicativos para ter o desempenho monitorado e confirmado. Dias questiona como são os corpos desse capitalismo de dados e qual o corpo padrão do Estado algoritmo, concluindo que esse corpo precisa ser saudável e controlável. Corpos negros, gordos ou anoréxicos são fora do padrão.

A seguir, Dias inicia sua exposição sobre a memória digital explicando que este é o “lugar da contradição onde o sentido escapa da estrutura totalizante da máquina e do algoritmo, saindo do espaço da repetição e se inscrevendo no funcionamento do interdiscurso”. A palestrante entende a memória como algo que pode ser arquivado, diferenciando a memória como tempo, que seria aquela que se constitui pelo esquecimento (processo histórico), da memória como espaço, que seria aquela constituída pelo armazenamento (processamento de dados). O processo de linearização da memória seria distinto uma da outra. A memória digital, diferente da metálica, seria a memória que escapa da estrutura totalizante e que retorna no próprio intradiscurso pela atualização de dados.

Durante toda a aula de Cristiane Dias, fica clara a importância de salientar o discurso digital como objeto de análise da Análise de Discurso, uma vez que se debruça sobre as transformações que o digital vem produzindo na discursividade do mundo.

Ao discutir a materialidade própria do digital e as formas históricas de assujeitamento na sociedade digital, Dias explora o sujeito de dados que se constitui, em seu cotidiano, pela construção e compartilhamento de dados criados na utilização do

digital, seja por meio de sites ou aplicativos. Compreendendo que a forma-sujeito é a posição esperada, e os deslocamentos internos dessa forma-sujeito são determinados pela ideologia e pelo inconsciente, Dias constrói uma interessante articulação entre o digital e a forma-sujeito de dados, interrelacionando a Análise de Discurso fundada por Pêcheux e trabalhada por Orlandi com as novas ferramentas propostas pela Análise de Discurso Digital apresentadas durante o referido curso.